

Meeting between museum and city: A new dialogue with Palazzo Silvestri Rivaldi

Bernardo Silva¹, Helder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Auxiliary Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

Esta apresentação consiste no desenvolvimento individual de um trabalho estimulante, despoletado a partir de uma proposta de grupo no período de Erasmus, na *Sapienza Università di Roma*, definida por um projeto de intervenção num conjunto singular do património arquitetónico da cidade: o complexo do Palazzo Silvestri Rivaldi.

Próximo do Coliseu e do Fórum Romano, estende-se paralelo à *Via del Fori Imperiali*, confinado pelo terraço de *Antonio Muñoz* e pelos muros de contenção de terras, na *Via del Colosseo*. O conjunto surge constituído por duas grandes áreas, a do *Palazzo* renascentista, composta pelo próprio edifício e por dois pátios adjacentes, e a da *villa* residencial, associada a um extenso jardim lúdico.

Inserido na *collina della Velia*, zona de grande importância histórica e cultural, apresenta-se atualmente descaracterizado, consequência de acrescentos posteriores, agravado pela falta de manutenção e acentuado pelos seus problemas urbanos.

Sem uma relação clara com a malha urbana envolvente surge invisível na cidade, necessitando de uma intervenção.

Neste sentido, propôs-se um novo diálogo que conectasse o complexo do *Palazzo* às necessidades atuais da cidade, com a adaptação dos seus espaços a um novo programa, de Pólo museológico do Fórum Romano.

No aprofundamento da proposta individual, o diálogo entre o volume contemporâneo e o *Palazzo* renascentista emergiu como um dos principais desafios. Desta forma, propôs-se interpretar o Palazzo Silvestri Rivaldi, de modo a perceber a sua essência volumétrica e o seu valor no contexto da proposta. Tornou-se fundamental analisar e eliminar acrescentos que não caracterizassem a volumetria original do edifício, permitindo assim, o reconhecimento tanto do seu valor histórico como dos espaços a ele agregados.

Neste sentido, procurou-se compreender e repensar o carácter dos espaços internos, assumindo uma adaptação às necessidades de Pólo Museológico, numa relação equilibrada e contínua com os espaços do volume proposto. Assim, a proposta desenvolveu-se respeitando a estrutura original do *Palazzo*, no sentido de fortalecer o seu valor arquitetónico e preservando o ambiente que os seus espaços encerram.

O volume novo surgiu como um prolongamento que tenta não competir com o edifício existente, com uma arquitetura topográfica que modela e ordena o espaço do jardim, manipulando as suas cotas e desenhando áreas de lazer e contemplação da zona histórica de Roma.

Integrado na paisagem e promovendo um diálogo entre o conjunto e a zona histórica, o volume desenvolveu-se subterrado no jardim, a partir de um esquema de planta longitudinal que interliga o Palazzo Silvestri Rivaldi ao ponto mais alto da *Via del Colosseo*. O museu assumiu-se assim, como uma massa que pertence e se insere na *collina*.

Sensível a questões de ritmo e escala, surgiu a vontade de criar, no volume subterrado, momentos de articulação que facilitassem a transição entre as diferentes cotas do espaço envolvente e do museu. Neste sentido, a proposta do novo volume assumiu um desenho de pátios ‘escavados’ articulados entre si, criando uma tensão entre massa e vazios, que proporcionam uma *promenade architectural* de acesso ao museu.

Com dimensões distintas, os pátios que antecipam o processo de entrada no museu, materializaram-se com hierarquias diferentes.

Num primeiro momento, descobre-se no pátio central um ambiente de antecipação do espaço interno. Com um desenho que procura um diálogo entre a escala monumental do Fórum Romano e a escala interna do museu.

Num segundo momento, no percurso que interliga o pátio central à Via del Colosseo, surge um pátio menor, de atmosfera íntima e introvertida que lança o átrio do piso secundário.

Associados a estes pátios, aparecem duas entradas de acesso que tal como os espaços externos, têm hierarquias diferentes. Numa posição central, o átrio principal do espaço museológico, centro nevrálgico e elemento agregador de todo o espaço interno, hierarquiza em dois momentos distintos as diferentes zonas do museu. Por um lado, a partir deste momento de pé-direito duplo, desenvolvem-se espaços articulados com as salas expositivas, por outro surge a zona de conferências.

Em contraponto, numa posição secundária desenvolve-se o átrio superior do museu, onde se lança um deambulatório em redor do volume autónomo do auditório. Num processo de descoberta do percurso perimetral deste volume, aparecem num segundo momento, os espaços da zona de cafetaria que surgem como rótula aos restantes elementos do edifício.

Na transição da escala monumental da zona histórica para a escala introvertida do museu, procurou-se definir uma natureza própria para o volume enterrado, uma textura que em contraste com o tijolo do terraço de Muñoz, reforçasse a ideia de uma massa de ‘pedra’ escavada, tal como as termas de Vals de Peter Zumthor: um volume horizontal de onde emergem espaços introvertidos fechados.

Os espaços exteriores e interiores do museu assumiram deste modo, uma materialidade homogénea de síntese entre forma, estrutura e material. Esta estratégia reforçou assim, através da textura de betão à vista, a noção de volume escavado.

Num processo de desenho de cheios e vazios, a matriz de volumes que articula os espaços expositivos, definiu o tema das relações internas da sequência de salas expositivas. Como local de passagem e conexão entre elas, o espaço contínuo de ligação entre os volumes de arquivo controla a fluidez do percurso expositivo e convoca assim a noção de espaço dinâmico, em contraste com os espaços expositivos de pé-direito alto, que sugerem a permanência e contemplação das obras expostas.

A atmosfera destes espaços de contemplação é revelada pela forma como a luz natural difusa, proveniente dos lanternins, desenha o volume interno, reforçando a noção de espaço enterrado e introvertido. Como no *Museo del Tesoro* de Franco Albini, a luz zenital realça a textura das paredes, as salas expositivas convocam assim, uma atmosfera misteriosa e neutra, propícia à exposição arqueológica.

Enquanto espaço de transição entre uma atmosfera subterrada interna, para uma externa de contemplação da pré-existência, a sala de exposições temporárias permite uma maior flexibilidade expositiva e surge com uma atmosfera distinta das salas de exposição permanente.

A noção de espaço enterrado é mantida, mas aqui em contraste com as salas anteriores, o vão horizontal estabelece uma relação direta com o exterior, marcando uma continuidade visual e física da sala, para um espaço contemplativo e sereno, de articulação entre novo e antigo. Desta forma, com forte carga simbólica, o pátio pré-existente surge como um momento de quebra narrativa que pontua a atmosfera geral do complexo.

Em contraponto com a zona expositiva, o átrio central lança também, através do volume aberto da receção, a zona de conferências, caracterizada pelo volume autónomo do auditório. Aqui, é descoberto um volume que se tenta separar da estrutura parietal onde se insere. A profundidade e altura dos vãos de entrada criam esta separação entre a cabeceira do auditório, anunciando assim a noção de volume solto do piso superior.

Caraterizado por paredes espessas como o restante espaço museológico, o auditório distingue-se da atmosfera neutra e introvertida, como uma massa autónoma inserida no volume do museu.

Com um ambiente calmo e confortável, propício à realização de palestras ou conferências, cria ainda uma relação entre as diferentes cotas da proposta, articulando-se com o átrio secundário do museu.

Desta forma, como ponto de articulação auxiliar, o átrio superior funde-se com o deambulatório do auditório e revela mais uma vez, uma noção de tensões no interior do museu, acentuando ou desacelerando a perspetiva do visitante conforme a sua posição no deambulatório.

Por sua vez, os espaços da cafeteria surgem no deambulatório como uma rótula de transição, servindo de apoio à zona de conferências e à zona dos laboratórios de pesquisa.

Em relação à materialidade, a natureza interna e externa do museu ganha forma através de um material homogêneo que promove uma continuidade horizontal e vertical de todo o sistema parietal. A estrutura espessa em betão à vista, sintetiza desta forma, os principais componentes do projeto. Assim, a materialidade, conectada com o processo de escavação de espaços e com as profundas fenestraçãoes do volume, evoca a noção de massa escavada permanente no local que se relaciona com a cidade.

O novo volume, cria ainda através da cobertura vegetal e das zonas de lazer, um espaço público elevado que estabelece com a paisagem histórica de Roma uma relação simbiótica de contemplação. Desta forma, através de um elemento importante de confronto com a escala da cidade, o jardim da cobertura abre-se para a *Via del Colosseo*. O conjunto fica assim integrado na malha urbana, abrindo-se a um diálogo entre o museu e a zona histórica.

Em síntese, numa interação de volumes e atmosferas, a proposta do Pólo museológico manifesta-se como uma atitude topográfica, na qual o desenho dos diferentes espaços se articulam como um elemento singular. Assim, pretendeu-se criar um diálogo equilibrado entre os diferentes espaços do conjunto, estimulando a relação do conjunto do Palazzo Silvestri Rivaldi com a zona histórica da cidade.